

4
Palestra do Professor Benício Arthur

19/02/1990

(relacionado ao I Encontro

Pró - Alfa)

bauda

sem revisão do autor

I ENCONTRO PRÓ ALFABETIZAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

Dezrvação

17.02.90

Palestra do Professor Venício Arthur de Lima
(Professor da Faculdade de Educação - UnB)

Bom! Eu confesso pra vocês que eu estou um pouco desorganizado em função de que eu acho que é a contribuição que eu talvez pudesse dar. Então eu juntei umas coisas rapidamente, eu tenho algumas informações e vou tentar desenvolver um argumento e, se for o caso, se vocês acharem que é pertinente ao trabalho e à discussão que vocês estão fazendo, a gente pode explorar um ou outro aspecto e tal.

Na verdade, eu não pretendo falar sobre o tema especificamente e que está no programam até porque ele é um tema muito pontual e precisaria que alguém estivesse trabalhando especificamente com a questão: A imagem do analfabeto nos meios de comunicação que é o tema que está colocado.

O que eu talvez possa problematizar um pouco e que me parece que é uma questão relevante, relevante de um modo geral, mas que eu estou convencido que tem uma relevância particular em termos de alfabetização é a relação que existe na nossa sociedade, nas sociedades capitalistas, ocidentais, contemporâneas, entre os meios de comunicação e a sociedade como um todo.

Então, me parece que essa relação, que é uma relação muito recente, essa relação tem características que são muito particulares do mundo que a gente vive, com isso eu quero dizer que há 50 anos a situação era completamente diferente do que é hoje, me parece que essa situação, quer dizer, ela tem repercussões, inclusive, no questionamento do próprio conceito de que seja alfabetizar.

E o que eu queria desenvolver é um argumento um pouco nessa linha, né? Que vai terminar, ou enfim, cujo objetivo é recolocar ou colocar como questão a própria idéia, que me parece ser a idéia de dicionário do que seja alfabetização. Certo?

Então veja bem, se a gente fizer um raciocínio histórico e pensar em termos do início da história humana, a gente vai verificar que quando o homem começa a simbolizar as coisas, a representar as coisas, ele faz isso sempre em função de sua experiência concreta imediata. A linguagem que é a primeira forma de representação simbólica que a gente conhece, ela começa representando a própria experiência concreta do início da nossa história com espécie humana, como homens no sentido genérico. Então a linguagem, se a gente pensar nas primeiras formas de organização social, as palavras inicialmente representavam a experiência humana imediata. Então você nomeava o seu círculo imediato de relações, os objetos que você utilizava em função do

sua própria sobrevivência, a caça, o ambiente em que você vivia.

Então, toda a representação simbólica expressa na linguagem, na língua, ele começa, a origem dela é experiência de vida concreta, na qual todos tinham uma participação. Não é verdade? Ou seja, o sistema de significação expresso na linguagem, ele era um sistema de significação que expressava a experiência de vida. Se a gente fizer uma tentativa aí de pensar como é que isso poderia se dar, a gente pode imaginar que ao longo do tempo isso vai se complicando, não é?

Você tem uma tribo, inicialmente. Quando essa tribo entra em contato com uma outra tribo, a representação, a própria linguagem, pelo menos pra parte do grupo inicial, ela já passa a representar coisas que não fazem parte da experiência do conjunto todo, mas, de uma parte desse conjunto, não é verdade? Por exemplo: um grupo de guerreiros tem contato com uma outra tribo e pode criar, criou, e foi assim que aconteceu, uma representação pra alguma coisa de que quem não era guerreiro não tinha experimentado, não é verdade?

O ponto que eu estou querendo chamar a atenção de vocês é para o fato de que, no início da experiência humana, não é? Porque a linguagem, a simbolização, é um elemento constitutivo da própria natureza nossa. A língua é um elemento constitutivo como todos sabem muito melhor do que eu, não é? A representação coincidia com o real, havia uma correspondência entre o que era representado e o que era vivido, experimentado. Certo? Quer dizer, a origem da representação simbólica, cujo melhor exemplo é a língua, a linguagem, é essa. É uma correspondência entre a experiência e o real, entre o que se vive e o que se representa. E, é evidente, eu estou falando aqui do processo, de um processo de séculos, de milênios, de toda uma história da nossa constituição como homens, no sentido genérico. E esse processo, é um processo que vai se complicando ao longo do tempo. A gente pode imaginar também, que no seu início, esse processo, não é? ele representava as coisas representadas, expressava uma experiência que era comum, mas também, a gente pode imaginar que essa experiência, ela tinha uma certa, pode-se dizer que essa experiência era mais ou menos fixa, ela demorava muito a mudar, quer dizer, a experiência se repetia por gerações e gerações e gerações, num processo de complicação, de complexificação, que é a terminologia do Deard Chardin, que ocorre ao longo do tempo e muito lenta.

Bom, agora eu queria dar um salto no tempo e pedir a vocês que fizessem comigo um raciocínio do que ocorre hoje na sociedade urbana que a gente vive. Porque em algumas sociedades não urbanas pode ser que a situação não seja propriamente a que eu vou descrever. Mas hoje, boa parte do nosso comportamento, nos nossos coisas, é motivado, condicionado, causado e consequente de representações da realidade que nós não experimentamos. Há pesquisas nesse sentido, feitas por metrópoles que são as maiores do mundo. Por exemplo: Há pesquisas nesse sentido pra cidadãos de Nova Iorque em que, em torno de 70% da imagem do real que o cidadão médio constrói na sua cabeça, não tem nada a ver com o cotidiano experimentado por esse cidadão médio. Certo?

A gente passa de uma situação em que toda a representação expressa na linguagem correspondia a um

experiência vivida, quer dizer, o real simbolizado tinha uma correspondência direta com o experimentado. A gente passa de uma situação assim para uma situação quase que no polo oposto, onde boa parte do nosso comportamento deriva de representações simbólicas, das quais a gente não tem experiência concreta. É um desafio vocês a pensarem um pouco sobre isso e verem se isso não é verdade.

Há pouco, há algum tempo atrás, saiu uma charge na Revista Veja, do Luís Fernando Veríssimo. É um casal olhando um por-do-sol belíssimo, é um desenho assim do por-do-sol e o, não sei se algum de vocês se lembra disso, e o homem está com uma máquina de vídeo, tipo essa que tá aí na minha frente. Então eles estão filmando o por-do-sol e um dos dois fala pro outro: Eu tô doído pra chegar em casa pra ver esse por-do-sol, quer dizer, o limite a nível de piada do ponto em que nós chegamos. Eu me lembro quando, no final da década de 70, tinha greve aqui na universidade, a gente fazia, a gente ficava aqui nas coisas e tal, e corria pra casa na hora do almoço, prá ver o DF TV, pra ver a greve no DF TV. A gente era aqui agente do processo e, no entanto, a gente corria pra poder ver, né? A gente vai hoje ver um jogo qualquer, um jogo de futebol, um jogo de volei, uma coisa qualquer e você espera o noticiário pra ver o jogo na televisão. É ou não é? Então eu acho que é isso, quer dizer, eu tô brincando, mas é pra dramatizar o que eu tô querendo dizer, quer dizer, nós vivemos numa sociedade onde nós criamos o hábito de imaginar o real. Já não é nem nos 70% que chegam a nós e que a gente não experimenta, mesmo no que a gente experimenta, a gente depende da intermediação de um processador simbólico, que são os meios de comunicação. Então a sociedade que a gente vive, ela tem uma característica, muito específica e que é um dado historicamente muito recente no caso brasileiro. Depois eu vou descer a bola aqui, pra, que eu estou fazendo um raciocínio mais geral, mas depois vou, quero dar uns dados com relação à situação brasileira.

No caso brasileiro, essa situação é recentíssima, é da minha geração, eu não me considero um cara tão velho assim. Então esses fatos, são fatos muito recentes e, inclusive, a consequência desses fatos para a formação, por exemplo, do mapa cognitivo que cada um de nós tem na cabeça, ainda é muito pouco estudado. As consequências ainda são muito pouco estudadas. Não se sabe exatamente quais as consequências disso. Agora é um fato da nossa vida, é um dado da cultura contemporânea, nas sociedades industriais modernas, das quais nós, brasileiros, fazemos parte, não ignorando toda a questão de desequilíbrio e desigualdade que existe no nosso país.

Então veja bem, se no passado, quer dizer, se você pode voltar em termos de história da humanidade e dizer que havia uma coincidência, uma correspondência bastante linear entre o real e a representação desse real, o exemplo melhor disso é como a linguagem se constitui. Hoje você pode dizer quase que no polo oposto que não há uma correspondência em termos de experiência, sobretudo, entre a experiência de cada um de nós e o conjunto das imagens que fazem parte da nossa construção individual do que seja o real. E isso tem, quer dizer, a constatação desse fato, implica numa segunda constatação: é que a intermediação que

existe hoje e não existia no passado é feita por um sistema industrial que nós identificamos como sistema de comunicação. Eu pessoalmente não utilizo a terminologia de comunicação de massa por causa das implicações que tem o significado da palavra massa, mas de qualquer maneira quando a gente reconhece esse fato da construção da imagem, independente da experiência que a gente vive, a gente tem que reconhecer, imediatamente, que isso passa pela intermediação do que a gente chama de meio de comunicação e aqui a gente em geral se refere aos meios de comunicação impressos, jornal, revistas, os livros e aos chamados meios de comunicação eletrônicos, sobretudo rádio e televisão, e menos em termos de importância para o argumento que nós estamos tentando construir, o cinema.

É importante também, chamar a atenção no seguinte além desse fato e da intermediação dos meios de comunicação, o que evidentemente já coloca a questão de se os meios de comunicação, independentes de quais sejam, reproduzem realmente o que é real, ou se eles selecionam algo que eles definem como real pra que a gente construa a imagem, o tal mapa cognitivo do que é real, quer dizer, surge de cara uma questão desse tipo, mas surge também uma outra que hoje inclusive configura uma tendência muito forte na pesquisa em comunicação que é a peculiaridade tecnológica de cada um desses meios, as características de cada um desses meios faz com que mesmo que não houvesse seleção do real pra ser apresentado, houvesse distorções do real simplesmente pelas características tecnológicas e de linguagem de cada um dos meios. Por exemplo: as características do jornal, da matéria escrita, publicada como notícia num jornal. As características são completamente diferentes das características de uma notícia, por exemplo, veiculada na televisão. Diferentes pela própria natureza da linguagem escrita e da linguagem visual e auditiva que constitui a imagem de televisão. Então, quer dizer, independente da questão da seleção, há também, hoje há toda uma linha de pesquisa na área de comunicação que é identificada, em português é identificada como a "construção da notícia". É uma tradução que não tem, eu acho que não tem a força da palavra original, que é uma palavra em inglês que se chama "noose making" que dá um caráter mais dinâmico, mas tem toda uma linha de pesquisa que já pega uma outro aspecto e que tem resultados incríveis e que depois se for o caso a gente pode comentar. Bom, então veja bem, a gente pode, isso aqui poder se estender, a gente mostrar ao longo do tempo como é que, como é que essa mediação vai se operando, você tem um processo extremamente longo na história, não é?

A imprensa é um fenômeno da idade do Brasil, do 1500, Gutenberg você tem todo um processo que vem acontecendo, etc. e você tem aí um espaço de tempo muito limitado, aí do final do século XIX até a década de 30 mais ou menos desse nosso século, onde acontecem inovações tecnológicas que desorientam completamente a situação em termos dessa mídia simbólica, porque é nesse período aí que acontecem as inovações tecnológicas que vão permitir em termos da imprensa, a reprodução em grande tiragem, por exemplo, de jornais diários que não existiam antes e também a existência do rádio, da fotografia, do cinema, da televisão, satélites, quer dizer, então há um período

pequeno da história humana onde essas coisas todas acontecem e as mudanças acontecem numa velocidade muito grande e tudo isso se altera com muita rapidez e é esse pedaco aí que nós estamos mais ou menos vivendo.

Agora, há hoje também em termos de situação mundial tendências que ocorrem com relação à essa, aos meios de comunicação, que são tendências universais. Elas ocorrem indistintamente em países, por exemplo: subdesenvolvidos e desenvolvidos, terceiro mundo ou primeiro mundo e até mesmo países capitalistas e socialistas, com algumas diferenças, mas as tendências são mais ou menos as mesmas. E fundamentalmente, essas tendências são uma concentração da propriedade e uma centralização da produção, quer dizer, além de todo o problema que eu coloquei em termos da construção desse mapa cognitivo, que é individual, de cada um de nós depender hoje da intermediação simbólica, do fato de que independente de que você possa fazer um argumento de que os meios selecionam o que interessa do real para representarem e retransmitirem, independente do fato de que cada meio tem características de linguagem e de tecnologia que alteram a produção do que vai se transformar no real, ou não, independente de tudo isso, então, você ainda tem duas tendências que são universais e que se configuram no mundo, nesse mundo que a gente vive que são: a concentração da propriedade desses meios e isso vale tanto para os meios impressos quanto para os meios eletrônicos e a concentração, a centralização da produção do material que é transmitido via esses meios, sejam eles impressos ou eletrônicos, quer dizer, o que agrava ainda a questão, também eu não vou detalhar.

Agora, e com relação, é claro né? Quer dizer, tava me esquecendo dum dado que é fundamental que é por exemplo: Você tem em 1860, 60% da população adulta francesa era alfabetizada, em 1890, 90%. Alfabetizada aqui que eu tô querendo dizer, sabia ler. Então é claro que houve na França um desenvolvimento comparativamente, por exemplo em relação ao Brasil, muito mais rápido na imprensa, considerada aqui como meio de comunicação tanto livro, quanto revista. A tiragem dessas coisas andou muito mais depressa, porque você tinha, inclusive, um público que podia consumir esse produto. Na Inglaterra, por exemplo, em 1841, pelos dados que eu tenho aqui, 59% da população adulta era alfabetizada, em 1900, 97% era alfabetizada. Então você tem um dado interessantíssimo. Por exemplo, a questão da chamada cultura de massa, da comunicação de massa, ela surge num país, por exemplo, como a Inglaterra em termos da "Vendagem" e do desembolso. Tem um livro clássico aí, muito conhecido, tem também um problema de tradução do título dele em português. Existe uma edição portuguesa, um livro chamado As Utilizações da Cultura, mas o Richard Foulder, não sei se vocês conhecem, mas o título original é As Utilizações da Alfabetização, "The ..." no sentido de como é que a alfabetização, o fato da capacidade de ler, está sendo usada em relação à literatura de massa. Esse tipo de problema até hoje não era problema no Brasil, o problema nasce em termos de cultura de massa, a questão da comunicação de massa só aparece no Brasil mais ou menos intertido, aparece com a televisão. Por isso eu não gosto da televisão. Mas é importante só colocar que interessa aqui para efeito do que está nos unind

aqui hoje que é a questão da alfabetização, isso tem uma influência direta na questão dessa intermediação simbólica que o que vai acontecer diferentemente no Brasil em relação à outros países é que aqui há um desequilíbrio entre esses meios. A questão pra nós, ela surge, vamos dizer assim, desequilibrada. Sobretudo para o lado da televisão, enquanto isso por exemplo, não ocorre em países como a Inglaterra, França. São os dados que eu tenho aqui e quero passar pra vocês ... Porque? Porque nesses países aí na virada do século, já não havia o problema, que é o problema, por exemplo, da capacidade de ler, que faz com que seja possível a produção em massa de meios impressos: revistas, livros e jornais, ao contrário do que ocorre no Brasil. Certo?

Bom! No Brasil, nós todos conhecemos a história da nossa colonização portuguesa, o nosso atraso inclusive comparado com a América espanhola, sem mencionar a América inglesa, em relação à existência de universidades, em relação à possibilidade da criação, até da existência de gráficas e portanto, a nossa dificuldade, o nosso atraso em relação à história da nossa imprensa sofreu essas consequências, que é uma história muito mais atrasada, na verdade começa aí no início do século XIX, e só se transforma mesmo numa imprensa, o amadurecimento numa imprensa de mais peso neste século. Então um exemplo disso tudo, mas eu queria só mencionar rapidamente uns dados pra vocês, porque eu acho que não são dados do conhecimento de todos. Se a gente escolher três meios de comunicação, que são universalmente os meios mais vendidos, o jornal, o rádio e a televisão, então o Brasil está em uma situação bastante peculiar. Vocês tem idéia de quanto é, qual é a tiragem do maior jornal brasileiro? O jornal brasileiro que tira mais? Quantos exemplares tira por dia? Alguém tem uma idéia disso? (respostas da plateia) Como? ... Não exagera, né cara? Quanto? ... Não. Eu estou falando o seguinte: O jornal brasileiro, os jornais tiram mais no domingo. Tem uma briga entre a Folha de São Paulo e O Globo. O IPC que fazia a verificação desses estudos, fazia pros dois e a Folha se desligou, agora faz com um particular. Mas, é um dos dois. Um dos dois. ... No domingo que é o dia de maior circulação. Você acha que dá dois milhões? Veja que a população brasileira é de 145 milhões mais ou menos... Tudo bem, então você está dizendo que o jornal que tira mais, tira dois milhões de exemplares. ... Qual dos dois, a Folha ou O Globo? ... Olha, eu acho esses dados absolutamente incríveis, porque eu tenho aqui dados absolutamente atuais. Essa Revista Imagem, a última que saiu, saiu nesses dias. Então eu vou ler pra vocês aqui a tiragem do jornal brasileiro de maior circulação num domingo. Tá? 460.000 exemplares, O Globo.

Agora, vocês tem idéia de qual é a tiragem do Globo durante os dias da semana, de segunda a sábado? 460.000 no domingo, que é o dia de maior tiragem do maior jornal brasileiro. Esse mesmo jornal em dia de semana tira em média 250.000 exemplares. Pra vocês terem uma idéia de significado, o New York Times, que não é um jornal nacional, não é um jornal nacional, é uma característica da imprensa americana, os jornais são regionais. O New York Times tira 2.500.000 exemplares por dia. Para ter um dado de comparação e só pra essa oportunidade aqui.

ou melhor.... Vocês tem idéia de quanto é que é a tiragem do Correio Brasiliense? 25.000 por aí.

Bom, então é um negócio interessante a nossa imprensa, não é? Ela é uma imprensa com os menores índices, se você comparar com a população, os índices da nossa imprensa são os mais baixos do mundo em termos de circulação. A revista mensal que tira mais no Brasil que é a de informação, que é a Veja, tira 700, 600.00 exemplares por semana.

Agora, esses dados que são absolutamente, como é que eu posso dizer, desequilibrados com relação à nossa população, ao tamanho do nosso país e mesmo até alguns vizinhos nossos. Cuba, por exemplo, tem índices com relação à publicação de material impresso, incríveis, porque não tem, inclusive, não tem o problema de leitura.

Mas, se por um lado nós temos essa tiragem tão baixa com relação aos jornais. Vocês tem idéia, alguém tem idéia de quantos aparelhos de televisão existem no Brasil? (Platéia responde). Veja bem, um aparelho de televisão é visto em média, isso é uma média que não é brasileira, em média um aparelho de televisão equivale a 05 pessoas vendo. Nós podemos fazer o seguinte raciocínio, a grosso modo: pra uma população de 100 milhões, se você tiver 20 milhões de aparelhos você tem basicamente 100% de cobertura dentro da disponibilidade desse setor. É isso que eu estou dizendo.

Então, alguém tem idéia de quantos aparelhos existem no Brasil? (platéia responde).

Olha, o último dado disponível em maio de 1986 é de 27.800.000 aparelhos. Isso dá um índice de posse de televisão de 56% da população. Um índice muito bom! Agora, o mais interessante é o seguinte: eu tenho aqui dados de horas-média, coisa e tal. O mais interessante é o seguinte: Vocês tem idéia da cobertura, por exemplo, que as emissoras de televisão tem no Brasil? Porque não adianta você ter o aparelho, por exemplo, num lugar que não chegasse o sinal. Você pegasse, não é? Vocês tem idéia das principais Redes? Qual a porcentagem do território que é atingida? Tipo assim, se você tivesse uma Rede, a questão é a seguinte: Se você tivesse uma Rede que atingisse o país inteiro, você teria 100%, se tiver apenas alguns lugares onde ela não chega você tem 90%. Então vamos supor agora as três principais Redes: Globo, SBT e Bandeirantes. Vocês tem idéia de qual o índice de cobertura? ... (platéia responde) ...5%? Só? De cobertura? ...

Olha! A Globo cobre 99.83%, só não cobre 0.07% do território. (platéia falando) ... inclusive hoje tem satélite brasileiro.

O SBT cobre 95% e a Bandeirantes cobre 93%. Tá? Bom. Manchete? 70%. Record, 43%. Tem, eu tenho aqui também o número de municípios cobertos, número de redes, as emissoras de cada Rede e tal. Mas, veja bem, eu estou querendo atentar é que você tem uma situação quase que invertida entre a imprensa e a televisão. Enquanto você tem uma população de 145 milhões, o você tem um jornal, jornal de maior circulação tirando 250.000 exemplares por dia, certo? Você tem uma disponibilidade de receptores de televisão muito alta comparado com o resto do mundo. Se você pensar na extensão do território nacional, você

tem um índice de 56% e você tem uma possibilidade física de cobertura de praticamente 100%, certo? Bom, o rádio que é um dado também interessante, o rádio tem índices muito maiores que a televisão, 25.400.000 aparelhos de rádio no Brasil e um índice de posse de 76%. Aqui, inclusive, tem um programa que faz um índice, o rádio já é no Brasil, um eletrodoméstico, visto dessa forma, que as casas tem mais de um. Então, é um índice muito bom.

Agora, o que eu queria chamar a atenção de vocês é o seguinte: além dessa diferença da imprensa para a televisão, vou ficar só com a televisão, porque eu, nós temos no caso brasileiro um virtual monopólio na televisão e todo mundo sabe porque o índice, em termos de campanha nas últimas eleições. Mas eu não sei se vocês tem idéia da dimensão desse monopólio. E aqui eu estou me referindo ao monopólio de audiência. Por exemplo, o caso de Brasília, nós temos 01, 02, 03, 04, 05, 06, se você tiver uma televisão em casa você tem seis possibilidades, não é verdade? O canal 02, 04, 06, 08, 10, 12. Então, é o seguinte: nessas seis possibilidades, vou pegar a média aqui de audiência na televisão, em Brasília. Você tem o seguinte: a participação da Rede Globo na audiência, ou seja, em qualquer horário do dia, se você for ver quem está com a televisão ligada tanto tempo na Globo, tem a variação de horários, mas eu vou pegar os seguintes: de 06 a 09 da noite, de 09 às 10 e de 10 à meia-noite. Algum de vocês, quem é que dá um chute aí para ver qual é a participação da Globo? (platéia responde). Ninguém falou menos de 80%, né? Então veja bem, de 18 às 20 horas, 95%, de 20 às 22 horas, 87%, de 22 às 24, 72%, ou seja, quando você fala sobre televisão no Brasil, eu só estou dando o exemplo de Brasília porque nós moramos aqui. Você está falando é mais ou menos o seguinte, se não sair na Globo, a gente tem uma brincadeira que é mais ou menos o seguinte: se não sair na Globo, não existe, não é visto, se não sair na Globo fica difícil, porque saindo nas outras, dependendo do horário, você tem 13% de possibilidade de ser visto, saindo em qualquer uma das outras. No caso de Brasília você tem somente 12% de possibilidade de que alguém veja e na Globo tem 87% de probabilidade de que alguém veja, certo?

Bom, agora isso é ainda complicado pelo seguinte fato, é que nós todos sabemos que a Globo não é um monopólio no de audiência de televisão. Não sei se vocês viram a Isto É da semana passada, tem uma matéria que comenta o fato da Globo ter se associado à Golden Cross na área de seguros. Então, essa matéria, é uma matéria interessante, tem um quadro, que fala sobre as 100 empresas da Globo e fala sobre as empresas, então é mercado financeiro, interação, imóveis, telecomunicação, informática, seguros, empresas de publicação, empresas no exterior entre outras. Eu vou ler aqui só as empresas na área de comunicação. Pouca gente sabe por exemplo que quando passa galeão no pão, a gente está dando dinheiro pro Roberto Marinho que ele é sócio do maior fabricante brasileiro de galeão de passar no pão, Inbasa. Mas então veja bem, as empresas de comunicação da Rede Globo são: A Rede Globo de Televisão (que detém no caso de Brasília uma média superior a 95% de audiência no horário nobre); o Sistema Globo de Rádio; o jornal O Globo; a Agência de Notícias O Globo; Globo Vídeo; A Editora Globo (aquela de Porto Alegre, que agora é da Globo); a Globo Computação Gráfica; A Corde

Comunicação: Globo Filmes e Show Mar Produções; sem falar da GLOBOTEC e da Ciclo que são diretamente ligadas à área de comunicação. Então, eu estou querendo dizer na verdade é o seguinte: é que apesar ou além de todos esses problemas que estão obstruindo aí dentro do problema da intermediação simbólica, o meio, e lá, lá, lá. No caso do Brasil você pode praticamente afunilar isso tudo porque essa intermediação ela não há com o outro grupo em termos de audiência. E não é à toa também que quando a gente falou do jornal de maior circulação, a gente está falando do próprio O Globo.

Aí, alguém poderia argumentar assim: bom, mas ninguém acredita na televisão, no jornal, não é verdade? Muita gente acha isso. Não sei se vocês viram, o IBOPE divulgou ontem, anteontem e os jornais publicaram ontem, uma pesquisa aí sobre o governo Collor, se o país continua otimista, não vai ter risco isso. E uma das coisas que a pesquisa fez foi o índice de credibilidade das instituições brasileiras. Sempre é feito, uma vez por ano, se faz e tal, a Igreja sempre ganha. E a instituição que tem maior credibilidade. Nessa pesquisa que foi divulgada ontem, a Igreja teve 82% de credibilidade, quer dizer, 82% das pessoas perguntadas diante de um relação de instituições, qual dessas instituições você confia, então, assinalaram a Igreja, tá? Vocês tem idéia da credibilidade do rádio, dos jornais, da televisão? Alguém dá um chute? A Igreja foi a que teve mais: 82%, o Sarnei foi o que obteve menos 14% ... Porque veja bem, um argumento que poderia ser feito é o seguinte: não tem importância porque ninguém acredita no que eles dizem, não é? Poderia ser feito esse argumento. Como eu me lembrei que tinha saído esse negócio no jornal, eu fui atrás do resorte, que pode ajudar a entender o fato. Olha, pra vocês terem uma idéia, os partidos políticos ficaram com 26% de credibilidade, a televisão com quase o dobro 43%, os jornais 53% e o rádio 56%, quer dizer, comparativamente, a credibilidade dos meios é muito alta, muito alta, não é? Mais ou menos 56% das pessoas que ouvem notícias no rádio acreditam que as notícias são verdadeiras. Notícias, informações passadas no rádio, tem um índice muito alto. Pra televisão 43%. Bem, isso tudo é pra dizer o seguinte: você tem detalhes que a gente ... mas isso tudo é pra dizer o seguinte: eu acho, quem está envolvido com alfabetização, como é o caso de vocês, com o amplo significado da palavra como ensinar a ler, eu acho que a gente vive numa situação, num mundo contemporâneo, tem uma frase, eu não trouxe a frase, numa frase em polones, qualquer coisa que diz que a leitura do mundo antecede à leitura da palavra, é mais importante que a leitura da palavra ...

Então eu acho o seguinte: que no mundo que a gente vive, em particular na situação brasileira é absolutamente fundamental o aprendizado da leitura dos meios de comunicação. Porque os meios de comunicação constroem o mapa cognitivo de cada um de nós, quer dizer, não adianta nada, quer dizer, adianta muita coisa, mas em termos de um raciocínio que eu tenho certeza que vocês estão compreendendo de que adianta a pessoa saber ler, escrever se a construção do real, que é possível de ser feita por sociedade que a gente vive é feita nessas condições que o mundo acabou de mostrar, se você não tem uma alfabetização que habilite a ler criticamente, a construção do real é feita por

vocês, independente de você experimentar o que é real, e nós vimos aqui, você tem 70% nos casos das grandes cidades do real passa pra você, via meio de comunicação e mais ainda, faz parte da cultura contemporânea, né? Você precisar de confirmar a sua experiência via intermediação tecnológica que é a piada do Luis Fernando, do pessoal vendo o por-do-sol e doido pra chegar em casa pra ver. Né? Então, me parece que é preciso redefinir a questão do alfabetizador.

Então eu poderia dar vários exemplos pra vocês de porque que isto, inclusive, é tão necessário porque a todo momento a gente depara com os meios de comunicação construindo o real que difere da realidade. Eu trouxe um exemplo aqui que eu acho incrível da última campanha política, que é um estudo que a gente tá fazendo aí, não tem o dado concreto. É o seguinte: vocês lembram que a Globo tratou com o IBOPE pra divulgar as pesquisas, não é? Então era divulgado, a Globo também divulgava (quando eu estou falando a Globo, eu estou falando das Organizações Globo: o rádio, o jornal, a televisão, etc, etc. Porque a linha editorial é a mesma, tanto no jornal, quanto na televisão, no rádio), mas tem um dado, pra vocês verem como é que a construção desse mundo pode ser manipulada, que é um negócio interessante com relação às pesquisas. No dia 15 de agosto de 89, o jornal O Globo, esse aqui, publicou na terceira página, o resultado do GALLUP, com relação à pesquisa que foi feita de 05 a 09 de agosto sobre a preferência, a intensão de votos para os candidatos nas 10 cidades mais populosas do país e a notícia de O Globo é esse quadro aqui, que em cima o título está escrito assim: "Capitais: Covas é o Terceiro" e essa é a única coisa que está escrito sobre o "tucano Covas já é o terceiro na preferência dos eleitores nas capitais, depois de Collor e Brizola" (segundo GALLUP 05-09/89) terceira página. Essa é a notícia, não tem mais nada nesse jornal sobre essa pesquisa. Dois dias depois, essa mesma pesquisa foi noticiada no Última Hora desse jeito que tá aqui: "Collor cai para 32% nas grandes cidades". É a mesma pesquisa. Só que na pesquisa anterior do GALLUP o Collor tinha tido 49 não sei quantos %. Então O Globo divulgou que Mário Covas tinha passado para o terceiro lugar na terceira página. O Última Hora que estava fazendo a campanha de Brizola, "Collor cai para 32% nas grandes cidades". Isso é só um exemplo de como é que essas coisas podem ser manipuladas.

Existe uma publicação americana que está começando a circular agora que se chama "Lies Of Our Time" - "Mentiras da Nossa Época", só é uma, aqui por exemplo tem uma fotografia de capa do vice-presidente dos Estados Unidos numa visita a El Salvador, mostrando armamentos da guerrilha Salvadorenha, que foi publicada na primeira página do New York Times e aqui atrás tem uma descrição como é o caso aqui do que é o negócio do armamento, e o cômico até é que o vice-presidente está pegando a arma, no contrário, o tiro sai pra lá e não pra cá. Então, é obviamente uma coisa montada. Então isso aqui é um grupo de pessoas independentes dos Estados Unidos que estão publicando isso aqui só pra comentar na mídia impressa distorções desse tipo.

Nós estamos fazendo um trabalho aí, aqui na Comunicação, um grupo que eu estou coordenando, sobre as eleições. Estamos tentando relacionar a questão da Globo com a

questão do poder, então, isso já se faz muito tempo.

Todo mundo sabe disso mas, se você pegar um dado puramente numérico. Por exemplo: um mês qualquer, o mês de julho e somar o tempo que foi dado na Globo pra cada candidato, a proporção é do seguinte tipo: enquanto o Collor aparecia 44 vezes por dia num total de dez minutos por dia, o Brizola apareceu 04 minutos no mês. Isso foi feita uma interpelação judicial, eu tenho inclusive uma cópia do TSE e essa interpelação até hoje não foi resolvida, porque o TSE mandou pro DENTEL, pra poder ver se os números que foram apresentados pelo PDT eram verdadeiros, a Globo respondeu, o PDT tornou a responder e até hoje não tem uma sentença e não adianta mais nada. Mas é só pra mostrar pra vocês o tipo de distorção que pode ter. Bom. Hem? ... (platéia fala) citar, agora veja bem, diante disso o que que eu acho, como é que eu concluo isso? O que que eu acho que se pode fazer? Algumas coisas já estão sendo feitas.

Não sei se vocês aqui tem conhecimento de uma série das Edições Paulinas que chama "Barbara Stanick". Já tem uma "Barbara Stanick na televisão"; "Barbara Stanick na publicidade"; história em quadrinhos, nos jornais. Uma série popular, baratíssima. Um livro desse deve custar agora 20 cruzados novos. Até a semana passada custava, 30, 35. E é uma tentativa de problematizar a questão da recepção dos meios, uma coisa me chamou a atenção aqui, quando eu tava pensando sobre o que que eu poderia falar aqui, foi que veja bem, acho que pra efeito de significado da palavra alfabetização é interessante porque a leitura passa a ser qualificada, não é uma leitura qualquer, é uma leitura crítica. Eu acho que no mundo que a gente vive é preciso que iniciativas desse tipo, e desse tipo que é feita nos Estados Unidos, por exemplo, esse "Lies Of Our Times", né? Sejam mais frequentes e que a alfabetização no sentido tradicional de ler e escrever inclua uma alfabetização que é anterior ou tenha que ser concomitante que é essa capacidade de ler o mundo. E eu queria, o que eu quis argumentar aqui é que isso hoje faz parte assim de uma forma que não há como escapular, do próprio cotidiano de todo nós, qualquer pessoa que viva numa sociedade como a nossa, com os dados brasileiros que a gente mostrou aqui rapidamente, mas a situação da televisão, do rádio, a situação do jornal. A problemática nossa é muito diferente de outros países, não é? A coisa tomou uma dimensão absolutamente dramática.

Então, era isso que eu queria dizer pra vocês. Desculpe se eu passei do prazo.

----- X -----